

Depois de três meses de cerco das forças sérvias em 1991, os croatas que defendiam Vukovar, antiga e bela cidade às margens do Rio Danúbio, finalmente se renderam. Milhares de pessoas já haviam morrido, mas os

IRMÃOS DE SANGUE

invasores não tinham aplacado a sede de sangue. “Vai ter carnificina, vamos abater os croatas”, cantavam os paramilitares ao marcharem pela cidade. Eles cumpriram a palavra: centenas de croatas foram capturados, espancados e assassinados. Em meio ao terror, dois homens feridos, um sérvio e um croata, enfrentavam uma decisão de vida ou morte.

POR PETER KERESZTES





O PADRE MILOVAN Sijakovic adorava morar em Vukovar e pescar no Danúbio. Seus amigos se divertiam contando a história de quando ele havia passado um dia inteiro numa árvore, sobre o

rio. “Eu me senti uma garça”, brincaria ele mais tarde. Seu colega de pesca fora buscar cerveja com o barco e só se lembrou dele à noite.

Vukovar, situada na atual fronteira com a Sérvia, tinha orgulho de sua história multiétnica. O sacerdote, conhecido como padre Djoko, era o símbolo da simpatia da cidade. Ele sempre se sentava num bar e conversava com quem passasse. “Sou sérvio, mas também tenho amigos croatas”, dizia.

Nada despertava nele maior paixão do que a Igreja de São Nicolau. A construção barroca do século 18 fazia parte

O CERCO

A felicidade do padre Djoko durou menos de dois meses. Em 25 de junho de 1991, dez dias antes de sua designação, a Croácia declarou independência. Milhares de pessoas fugiram de Vukovar quando o exército iugoslavo, controlado pela Sérvia, deu início ao cerco da cidade, em 25 de agosto.

Durante quase três meses, a artilharia pesada dos sérvios destruiu a cidade, atacando prédios antigos e lançando escombros pelas ruas. Era inevitável: a tolerância entre sérvios e croatas começou a ruir. Nem as igrejas foram poupadas. Em 18 de setembro, várias bombas foram lançadas na Igreja de São Nicolau. Com um estrondo que sacudiu a cidade, a bela abóbada explodiu, lançando pelas ruas milhares de azulejos vermelho-alaranjados. Então irrompeu o fogo. Para o padre Djoko, aquilo tudo causava uma tristeza profunda.

“Caí e pude ver que minha perna esquerda não me obedecia.”

de sua vida. Era ali que o avô e o tio haviam se tornado padres, ali que ele fora batizado. Aquele era o local onde celebrara sua primeira missa e se casara, e onde o filho e a filha tinham sido batizados.

Sua nomeação como padre da São Nicolau fora um momento único, e ele ainda sentia o coração bater forte todas as manhãs, quando abria a porta de madeira sob a torre do sino, coroada com uma agulha que apontava para o céu.

Quando o incêndio acabou, o padre escalou os escombros e vasculhou as cinzas e o entulho. Com as mãos trêmulas, pegou imagens sacras do século 18 e três Bíblias do século 16 que, de algum modo, haviam restado intactas.

Em 8 de novembro, o padre Djoko estava indo da arruinada igreja para uma praça quando viu três homens da resistência feridos na rua. Arrastou um por um até uma garagem próxima e depois seguiu para o seu abrigo. “Ouvi

uma bomba explodir. No começo, não senti nada, mas, quando fui dar o passo seguinte, caí e vi que minha perna esquerda não obedecia.” Sangrando, usou o cinto para improvisar um torquinte, amarrou a perna e se arrastou até uma padaria ali perto. Os empregados fizeram uma atadura em torno da ferida, e um carro que estava de passagem o levou ao principal hospital de Vukovar.

PATRIOTA

Miro Balog era um croata de 28 anos, simpático, de sorriso fácil e fervorosa devoção à sua terra natal. Nascido e criado em Satnica Djakovacka, a 65 quilômetros de Vukovar, Miro cresceu cercado de muito amor e pouco dinheiro. Os seis irmãos e as quatro irmãs faziam os próprios brinquedos com o que encontravam, desde ferraduras até pedaços de pau. Assim, não foi surpresa que ele crescesse com talento para mecânica. Depois de deixar a escola, Miro se dedicou à construção de navios e, assim como milhares de outros croatas, foi trabalhar na Alemanha. Duas vezes por ano, dois de seus irmãos se juntavam a ele para serviços temporários. As histórias que contavam do crescente nacionalismo sérvio o enchiam de apreensão.

Quando o exército iugoslavo invadiu Vukovar, Miro regressou para aju-



dar a defender sua terra. E ingressou no pelotão comandado por seu irmão, Vlatko. As condições eram péssimas, com cerca de dois mil homens mal armados contra 36 mil soldados e paramilitares sérvios que dispunham de tanques, navios de guerra e aviões de bombardeio. Os integrantes do pelotão de Miro viviam como ratos entre os escombros, pegando comida onde podiam e fazendo emboscadas para rechazar os sérvios.

Em 2 de outubro, uma bomba matou Vlatko. Os voluntários elegeram Miro substituto do irmão, e a guerra em Vukovar prosseguiu. Nas comunicações de rádio, Miro usava o codinome Beretka. Era uma palavra com a qual os sérvios aos poucos se familiarizavam, à medida que o pelotão ia frustrando suas investidas.

Duas semanas terríveis se passaram, mas a sorte parecia estar do lado de Miro. Durante uma batalha, uma bala furou seu capacete, e ele caiu no chão, imóvel. Então, inacreditavelmente, começou a se mexer e se levantou. O impacto o havia nocauteado, mas deixara apenas uma ferida superficial no couro cabeludo.

Em 9 de novembro, entretanto, a sorte de Miro acabou. Quando ele fazia patrulha num Fiat 600, os sérvios jogaram uma granada no carro. Os estilhaços da granada perfuraram sua coxa esquerda e destruíram nove centímetros de osso. Caído entre os destroços, ele sentia o cheiro da própria carne queimada. Por irônico que possa parecer, os estilhaços incandescentes haviam cauterizado parcialmente a ferida, impedindo uma hemorragia, enquanto ele esperava a ambulância, que demorou duas horas. Miro foi levado ao hospital, cujo subsolo fora trans-

Enquanto aguardava a operação, Miro via companheiros feridos ter os membros amputados. Quando chegou sua vez, quase delirante, pegou o revólver e disse: "Não amputem minha perna, ou matarei vocês e a mim." Aparentemente um aparelho de aço inoxidável ao osso da coxa, os cirurgiões conseguiram salvar a perna.

GANGRENA

Era para ali que o padre Djoko, a perna ensangüentada ainda amarrada com o cinto, também havia sido levado. Mas a perna gangrenou, e, para salvar sua vida, os médicos tiveram de amputá-la, no dia 14 de novembro.

Quando, no dia seguinte, o padre recobrou a consciência, ouviu alguém lhe perguntar:

- Você fuma?

Seus olhos se voltaram para o jovem musculoso, de sorriso aberto.

- Fumo - respondeu, ainda grogue.

Os soldados sérvios gritaram: "Beretka! Quem é Beretka?"

formado em ala de emergência, mas precisou agüentar mais duas horas até ser operado.

Nem o hospital fora poupado da destruição. Uma bomba devastou parte de uma ala. Outra atravessou cinco andares, caindo aos pés de um paciente, no abrigo do subsolo, mas não explodiu. Os médicos e enfermeiros, no entanto, continuavam trabalhando, realizando cirurgias de emergência e até partos: 15 bebês tinham nascido.

Miro e seu irmão Zvonko, que havia se ferido de leve na explosão do carro, tinham o mesmo senso de humor irônico do padre. Se um deles gemia de dor, os outros diziam: "Isso não é nada, meu caso é muito pior." Quando os companheiros de Miro trouxeram água e enlatados para aqueles homens famintos, eles dividiram tudo com o padre Djoko.

Um soldado croata de visita ouviu Miro chamar padre Djoko e perguntou:

- O senhor é o padre ortodoxo?

- Sou.

- Vão matá-lo. Eu encontrei um revólver na sua casa.

- Impossível. Eu nunca tive uma arma.

- Estive na sua casa, atrás da igreja ortodoxa, e vi o revólver.

Outro paciente croata interveio:

- Eu conheço o padre Djoko, e ele nunca teve nem um canivete.

O soldado saiu.

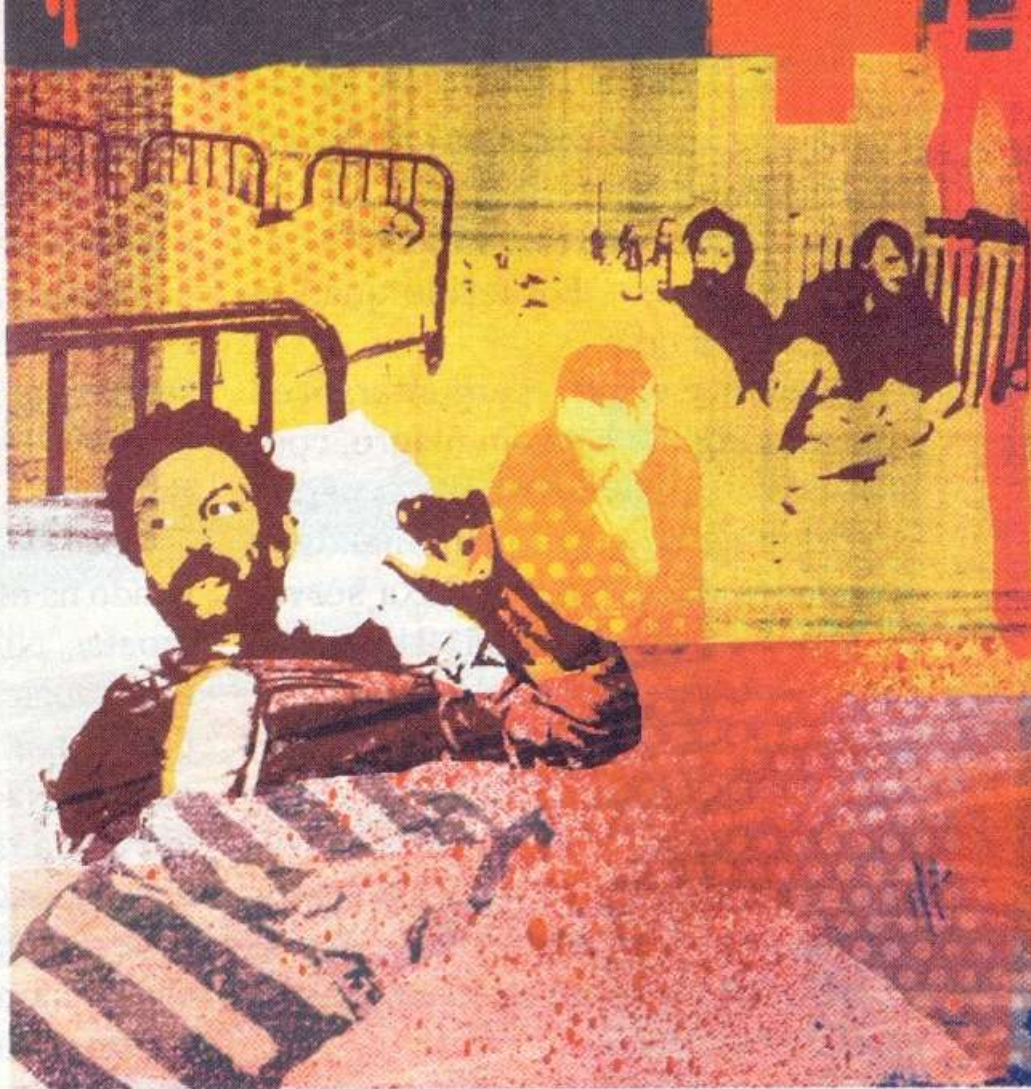
- Se eu tivesse dito algo errado, quem sabe o que teria acontecido? - suspirou o padre.

- Padre Djoko, nada teria acontecido - disse Miro, agitando sua arma no ar.

FAZENDA DE PORCOS

No raiar do dia seguinte à rendição de Vukovar, o exército sérvio invadiu o hospital. Os pacientes que conseguiam andar foram instruídos a entrar em alguns ônibus para saírem da cidade. Zvonko deixou todo o seu dinheiro com Miro e se foi.

Miro e o padre Djoko ficaram em seus leitos. Aquela "evacuação" não era nada verdadeira. Cerca de 260 homens, entre pacientes, funcionários e refugiados, foram levados a uma fazenda de porcos abandonada. Lá, Zvonko e os demais foram reunidos num galpão e espancados. Os sobrevi-



ventes foram conduzidos a um campo e baleados.

Sem saber do destino de Zvonko, Miro e o padre Djoko aguardavam no hospital. Então ouviram soldados sérvios gritando: "Beretka! Quem é Beretka?" Miro sentiu um calafrio ao ouvir seu codinome.

"Deixe que eu falo", sussurrou o padre Djoko, à aproximação dos soldados.

Os homens se detiveram ao lado da cama de Miro.

- Você é Beretka? - perguntaram.

- Não - respondeu ele.

- Onde foi ferido? - insistiram os soldados.

Miro ouviu a voz do padre Djoko.

- Deixem o moço em paz - disse.

Miro sabia que aqueles homens eram seres endurecidos pela guerra, seden-

tos de vingança. Qualquer um que os contrariasse seria assassinado.

– Ele é civil e não está armado – continuou o padre. – Foi ferido quando tentava me ajudar.

– E quem é você? – perguntaram os soldados àquele homem magro, com ataduras escondendo o coto da perna.

– Meu nome é Milovan Sijakovic, sou padre da igreja ortodoxa sérvia de Vukovar, chamada São Nicolau – foi a resposta. – Sou conhecido como padre Djoko.

Os homens foram chamar seus superiores. O coração de Miro estava na boca quando o amigo repetiu a história. Houve um momento de silêncio. Mas os oficiais enfim se retiraram, dizendo ao padre:

– Vamos trazer um carro para levá-lo ao hospital de Belgrado.

A vida de Miro Balog, soldado croata, fora salva por um sérvio.

TROCA DE PRISIONEIRO

Depois de ser tratado em Belgrado, o padre Djoko voltou para Vukovar. Sempre se perguntava o que teria acontecido com Miro: teria ele também sido assassinado na fazenda de porcos?

Na verdade, Miro foi levado para a Sérvia, onde um soldado arrancou o aparelho de aço de sua perna. Numa troca de prisioneiros, Miro foi liber-

tado. Enfrentou meses de cirurgias re-constitutivas e fisioterapia na Croácia e na Alemanha.

Passaram-se 14 anos. Miro se casou e teve duas filhas. Também pensava sempre no padre Djoko. Mas só ouvira rumores de que ele havia morrido em Belgrado.

Em 2005, com o padre Djoko vivendo na miséria, dois antigos soldados croatas, Nikola Tarle e Josip Kis, prometeram tentar conseguir para ele uma pensão por invalidez em decorrência da guerra. Não conheciam nenhum sérvio que a tivesse conseguido, mas, se encontrassem Miro e lhe pedissem que testemunhasse a seu favor, achavam que tinham uma chance.

Ninguém sabia o que havia acontecido com Miro. Mas, depois de cinco meses de ligações insistentes para uma organização de veteranos cada vez mais desconfiada, Kis conseguiu o número de telefone dele. Descobriu que Miro estava morando em sua cidade natal, Satnica Djakovacka. Radiante por saber notícias do padre Djoko, Miro prometeu ir a Vukovar, para que os dois se reencontrassem.

No Hotel Danúbio, em Vukovar, os velhos amigos se abraçaram. Com lágrimas nos olhos, o sérvio e o croata sorriam incrédulos, como se se perguntassem: “É você mesmo?”

ITEM INDISPENSÁVEL

Notei que meu sobrinho de 11 anos captou o espírito das grandes lojas de departamento quando perguntei a ele se já podíamos ir embora:

– Ainda não, tia. Estou procurando alguma coisa que eu possa achar que vou precisar.

BRONTIE TKACHUK. Canadá